



Mãe Terra

Hora do Planeta

Imaginem... Um planeta azul que gira no espaço. As luzes vão se acendendo à medida que a noite chega. O lado do planeta que deveria estar na escuridão, onde a noite deveria reinar, está, entretanto iluminado... brilhante... Toda a dinâmica de vida está alterada... Cada vez mais raros os lugares onde é possível sentir a noite verdadeira, escura e misteriosa. Cada vez mais raros os ecossistemas naturais, onde a vida ferve quando a noite e a penumbra se derramam sobre a natureza. Tudo artificialmente iluminado, de tanta iluminação tantas vezes desnecessária queimando o petróleo, sangue de Mãe Terra, insistindo em destruir a vida dos rios para construção de imensas barragens.

De repente... em faixas... olhando do espaço... vemos as luzes se apagarem. A cada hora, um novo fuso se apaga e o anterior se acende. Como em um código morse, o planeta pisca enviando mensagens ao Universo. Aliás... a proposta também era essa, a de acender as luzes em piscar planejado. Um vez, duas vezes, três vezes, em código que diz "Eu te Amo". Uma mensagem lançada para o Grande Mistério mostrando que ainda existem pessoas que não se encontram em sono profundo e que outras pessoas estão acordando.

Fizemos uma festa à luz de velas. Foi uma festa linda, harmônica, silenciosa. Na penumbra, cada um compartilhou sua arte, sua

música. Na penumbra das velas, os sussurros e sorrisos. O fogo gentilmente ardendo na fogueira em cores diversas. Foi uma noite linda, de pessoas sonhadoras contando histórias. E pensei: quanta energia desperdiçada se não tivéssemos decidido apagar as luzes em adesão à Hora do Planeta! Sim, teria sido um gasto de energia totalmente desnecessário. Ao contrário, sem as luzes e sem a música alta, foi possível estabelecer um clima de muito mais intimidade, foi possível conversar, foi possível ouvir o outro. Acender as luzes, ligar o som, tudo isso teria sido pura extravagância. E não podemos mais nos dar esse luxo. Mãe Terra não suporta mais. Não suporta mais o desperdício desnecessário de energia e recursos dessa nossa sociedade consumista.

Está lançado o desafio: Como superar as contradições desse sistema que, de um lado, conclama ao consumo desenfreado que faz a roda da fortuna girar, o PIB crescer, que faz o país se "desenvolver"; e de outro, convida a todos para apagar as luzes na Hora do Planeta porque percebe que algo está iminente, que Mãe Terra pode se rebelar a qualquer momento e dizer "Basta"? Sim, a "Hora do Planeta" foi apenas um símbolo. Mas símbolos são fortes, podem transformar a realidade. Os símbolos abrem portais. Espero que "aqueles que decidem" tenham, de alguma forma, se deixado tocar por essa Hora de reflexão planetária. Por essa Hora dedicada à conexão com Mãe Terra. Espero que Mãe Terra possa ter se manifestado no coração de cada um deles e que suas decisões possam, daqui para frente, ser permeadas de compaixão pela linda humanidade que existe dentro de cada um de nós.

Helena Maltez

Próximo Mês:

Ritual de Plenilúnio

Celebração da Deusa nórdica Perchta

Para os antigos povos da região da Alemanha, Áustria e Suíça, Perchta ou Berchta era a Deusa Mãe que abençoava os campos, as mulheres e os animais com fertilidade. Manifestando-se como uma sorridente mulher madura, de olhos azuis brilhantes, rosto enrugado, longos cabelos brancos e roupas esvoaçantes, Perchta também regia o tempo, (trazendo a névoa e a neve), os arados, a tecelagem, a fição, os fusos e as rodas de fiar. Mãe zelosa e dadivosa, cuidava das almas das crianças não-nascidas, dos brotos das lavouras e dos jardins.

Venha receber as bênçãos da 'Senhora Branca', resgatando e honrando sua própria capacidade de trabalhar, cuidar e realizar!

09 de maio, sábado

20h, na Unipaz

Somente para mulheres

Consulte a lista de material necessário para o ritual em www.teiadethea.org

- AGENDA 2009**
- *30 de abril: Comemoração dos «Fogos de Beltane» - aberta para homens
 - *09 de maio: Plenilúnio - Celebração da Deusa nórdica Perchta
 - *07 de junho: Plenilúnio - Celebração da Deusa romana Vesta
 - *21 de junho: Comemoração do solstício «Festa do Sol» - aberta para homens
 - *07 de julho: Plenilúnio - Celebração da Deusa greco-romana Juno
 - *05 de agosto: Plenilúnio - Lua da Colheita
 - *04 de setembro: Plenilúnio - Celebração da Deusa grega Ártemis

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia – 81481650; Nane – 96779453

Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org

Bibliografia: O Anuário da Grande Mãe de Mirella Faur; Imagens da Internet



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea

Lua Cheia, Abril de 2009, nº 114



Posta-restante

Maria,

Muito se investiu, nos últimos tempos, no sentido de neutralizar a força latente no ventre e no coração de cada mulher; a fragilidade e a vulnerabilidade foram enaltecidas e confundidas com delicadeza, a dependência feminina foi cantada em versos, rimando toscamente com virtude. Dentre tantos, esses são equívocos semeados em nome da prevalência de uma sociedade desigual, que a re-conexão comigo pode curar.

Eu trago à sua memória a presença da capacidade e habilidade de combate de um sem-número de guerreiras, dispostas a confrontar bravamente a injustiça e os desmandos, ainda que o conservadorismo masculino dos historiadores não lhes faça jus. Longe de se perder nas dobras do tempo, o legado dessas mulheres deve prosseguir inspirando, servindo de exemplo de coragem e determinação.

Unidas, mulheres de diferentes raças e nações vêm

enfrentando limitações, construindo pontes e derrubando obstáculos, num movimento planetário que merece ser honrado. Aproveite o momento para rememorar e celebrar também as suas conquistas individuais, as batalhas de que não fugiu apesar do medo, as vitórias que colheu. É avaliando cada uma que você poderá perceber a manifestação da invencibilidade e os tantos fatores a ela relacionados.

Caso seja iminente e inevitável a batalha, exerça com verdade o poder que de Mim você recebe, em perfeita confiança.



Todavia, cuide também de cultivar em si a divina coragem de perdoar e amar incondicionalmente, para que se restabeleça o sagrado feminino sobre a Terra e se promova a paz.

Em poderoso amor,

Aquela que é.



Mirella Faur

Deusas Celtas Soberanas da Terra e da Guerra

A morte nasce conosco e conosco caminha por todos os instantes da vida, mesmo que tentemos ignorá-la”
John O'Donoghue, escritor irlandês.



Do grande tronco indo-europeu faziam parte os vários povos celtas estabelecidos em diferentes lugares do continente europeu. Considerados pelos romanos como bárbaros valentes, jamais formaram um império pois lhes faltava uma liderança única, as diversas tribos sempre guerreando entre si. Apesar da sua diversidade étnica, entre os séculos VIII e V a.C. houve uma cristalização da cultura celta com a uniformização dos sepultamentos (os mortos passaram a ser enterrados com armas e pertences e não mais cremados), a construção de fortificações com paliçadas e melhor elaboração dos conceitos e costumes sobre vida e morte. A sociedade celta era dividida em clãs e os laços familiares eram muito valorizados. As mulheres celtas se assemelhavam aos homens não apenas pela sua estatura e altivez, mas também com respeito à coragem e participação ativa nas batalhas, conforme comprovam centenas de relatos de mulheres poderosas e rainhas deificadas como Boudicca e Maeve.

Os celtas respeitavam profundamente a Natureza, honrando a Terra e suas criaturas como elos sagrados na teia da criação e na magia da vida. Esta reverência e o culto de inúmeras divindades ligadas às forças da natureza mantiveram-se intactos mesmo depois da romanização das terras celtas e do sincretismo com os deuses romanos. Porém, a erradicação e perseguição agressiva e opressiva da religião pagã aconteceram com a chegada do cristianismo, que conseguiu impor seus dogmas e proibições apesar da resistência dos druidas e do povo, principalmente o irlandês. Para erradicar a religião pagã e suas tradições os monges cristãos começaram a registrar lendas, mitos, crenças e costumes com as devidas correções e inevitáveis distorções, introduzindo elementos e conceitos cristãos. Mesmo assim, uma boa parte do legado ancestral foi preservada e o substrato original pode ser distinguido se usarmos um “filtro” corretor, olhando além das incongruências conceituais e sobreposições cristãs.

Um dos conceitos celtas mais difíceis de compreender e aceitar - pela nossa cultura cristã e a mentalidade atual - é a associação dos arquétipos sagrados femininos com a guerra. Para transpormos barreiras conceituais devemos conhecer o princípio celta da soberania da terra, sempre representado por uma Deusa Mãe com características protetoras e defensoras. A vida e a sobrevivência dependiam da terra e por isso ela devia ser preservada e protegida, pois desrespeitar a terra e a soberania de um povo significava ofender e ameaçar a própria natureza criadora da vida. A soberania - o verdadeiro poder de

quem governava e conduzia os destinos de um povo - pertencia a um arquétipo feminino, a própria Deusa da Terra, com a qual o rei ou governante devia se casar simbolicamente para garantir a prosperidade e paz. O casamento do rei com a Deusa da terra representava as condições indispensáveis para que a soberania se manifestasse: respeito, igualdade, confiança, parceria e solidariedade. A representante da Deusa soberana era uma sacerdotisa ou rainha imbuída de poderes especiais, que até mesmo podia ser divinizada, como se conclui das lendas de Macha, Maeve e Boudicca. Nos mitos aparece de forma metafórica o alerta sobre as conseqüências da opressão, violência e exploração da natureza e da mulher com os inerentes desequilíbrios, a falta de prosperidade e do convívio pacífico.

Em várias lendas, Macha (pronuncia-se Maha) é descrita como uma típica deusa celta tendo um caráter ambíguo: ora generosa e gentil, ora terrível e implacável guerreira. Ela - assim como Maeve - é uma divindade ctônica, ligada às dádivas da terra e à sua necessária defesa e proteção. Maeve (ou Medb) representava o espírito feminino arcaico, existente em cada mulher e que é expresso em grau maior ou menor como comportamento instintivo, impulsivo, corajoso, combativo, sedutor e fértil.

Outras fontes citam Macha como sendo uma das faces de Morrighan, a formidável deusa tríplice da guerra, morte e sexualidade (o meio natural para garantir a fertilidade). As faces de Morrighan chamadas de Morrigna eram conhecidas como: Nemain, o frenesi combativo que infundia o terror nos inimigos, Morrighan, a “Grande Rainha” que planejava o ataque e incitava o heroísmo e a valentia dos combatentes, Macha ou Badb, o corvo que se alimentava dos cadáveres dos mortos em combate e que era associada aos sangrentos troféus da batalha (as cabeças decapitadas dos inimigos, consideradas “sua colheita”). Esta triplicidade também era conhecida com os nomes de Banba, Fotla, Eriu, as ancestrais padroeiras da Irlanda.

A natureza das deusas celtas é multifuncional e com complexos significados, mesclando elementos ancestrais dos pacíficos povos pré-celtas (maternidade, fertilidade) com

os dos combativos celtas, onde prevaleciam atributos de guerra, morte e sexo, acrescidos de soberania. Várias divindades representam uma paradoxal união de extremos: amor e guerra, guerra e fertilidade, guerra e soberania. Não existe uma deusa do amor no panteão celta, as deidades - deusas e deuses- simbolizam as forças da natureza e a eterna roda da vida/ morte/renascimento, início/fim/recomeço, em que os opostos se seguem em círculos evolutivos e tem o mesmo peso.

Na filosofia celta não existia vida sem morte, nem paz sem guerra. Cada ser traz em si estes elementos e pela sua percepção vemos a necessidade do seu equilíbrio, que pode ser desestabilizado pela supervalorização de uma característica em detrimento de outra. Nosso desenvolvimento espiritual depende da compreensão e harmonização de todos os elementos que fazem parte do nosso ser. Somente conhecendo a face escura e selvagem e “domando-a”, poderemos tomar consciência da nossa divina complexidade, conhecendo assim a verdadeira e completa natureza. É possível unir as qualidades maternas e femininas com os aspectos guerreiros, os dons da arte, magia e sedução.

Em muitas referências míticas, iconográficas e literárias vê-se a forte ligação entre as deusas da guerra e a presença de mulheres nas batalhas. Indo além das interpretações tendenciosas romanas e as difamações cristãs, percebemos esta ligação como uma associação simbólica entre guerra e ritual. Para os celtas a caça era uma atividade que envolvia rituais para assegurar o sucesso, da mesma forma como as mulheres celtas vestidas de preto, com os braços elevados e proferindo maldições contra os conquistadores romanos tinham um forte componente ritualístico. As sacerdotisas que atuavam nos campos de batalha usavam encantamentos para atrair poderes sobrenaturais e direcioná-las contra os inimigos, fortalecendo seus companheiros para não recuar perante o inimigo. Os historiadores romanos descreveram as mulheres celtas como bruxas ferozes e ameaçadores, altas, robustas, com pele alva e olhos azuis e longos cabelos ruivos, sacudindo os punhos com raiva e gritando maldições. Em outras situações, as mulheres ficavam com seus filhos na retaguarda e incentivavam seus homens com gritos e orações para que lutassem melhor e não desistissem.

Das inúmeras mulheres guerreiras, sacerdotisas e rainhas poderosas sobressaem-se duas famosas rainhas: Cartimandua, dirigente dos Brigantes, sacerdotisa da deusa Brigantia e Boudicca governante dos Icenii,

que se tornou famosa por venerar a deusa Andraste ou Andarta, a deusa da guerra citada por várias fontes. O nome Boudicca ou Boadiceia se origina na palavra celta bouda que significa vitória. A sua história é repleta de atos de coragem nas batalhas e crueldade com as prisioneiras, que eram empaladas vivas e mutiladas como oferendas sangrentas para a deusa Andraste e uma vingança pelo estupro das suas filhas e a conquista da terra pelos romanos. Existe um forte elo entre Boudicca e Andraste, podendo serem vistas como aspectos de uma mesma entidade, uma residindo no mundo sobrenatural e a outra sendo uma valente dirigente e cruel guerreira humana, ao mesmo tempo servindo como sacerdotisa da deusa da guerra.

Andraste ou Andred cujo nome significa “A Invencível” era uma deusa irlandesa equiparada com Andarte cultuada na Gália e com características semelhantes à Morrighan, sendo evocada na véspera das batalhas para garantir a vitória. Os romanos diminuíram seu status para uma deusa lunar (por ser a lebre seu totem) e a associaram ao amor e fertilidade. No entanto, o arquétipo original de Andraste é de uma deusa escura e ceifadora, invocada apenas nos momentos de extrema necessidade, pois ela exigia sacrifícios de sangue humano, considerado o mais potente substrato mágico. Ela controlava os fios da vida de cada ser humano, do nascimento até a morte, pois a morte era parte inevitável da vida. O seu lado sombrio (da anciã) era amenizado pelos seus atributos de deusa lunar, regente do amor e da fertilidade (como mãe criadora da vida) e regente da caça (na sua face de donzela).

O aparente paradoxo entre os aspectos e naturezas das deusas celtas reflete a profunda compreensão do processo de dar/receber, nascer/morrer, começo/fim. Muitas deusas aparecem como figuras promíscuas e destrutivas, mas elas personificavam aspectos da natureza, como a fertilidade e a soberania da terra, que tinham que ser defendidas a qualquer preço para assegurar a sobrevivência dos descendentes. A criação e a destruição são processos interdependentes, existe uma ausência de vida na escuridão da terra que recebe os mortos, mas também é a terra escura que abriga e promove o desabrochar das sementes, que renascem - assim como os mortos nela enterrados - para uma Nova Vida.

